



GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):

Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)

Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2

Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3

Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

Problemas de patrimônio como problemas de gênero: disjunções entre feminismo e cultura popular na Festa de Santo Antônio em Barbalha (CE)

Autoria: Roberto Marques (URCA - Universidade Regional do Cariri)

Dobramo-nos aqui sobre disjunções e conjunções existentes entre as ações dos feminismos no Cariri e o imaginário espacial que modula a patrimonialização da Festa do Pau de Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha (CE). Anualmente, a cidade é tomada por cerca de 300.000 pessoas que assistem os festejos em louvor a seu Padroeiro. Um dos momentos marcantes da Festa é o carregamento de uma imensa tora de madeira entre sítios próximos à área urbana e o Largo da Igreja Matriz. Ali, o tronco se transforma em mastro da bandeira de Santo Antônio. A folclorização e carnavalesação da Festa deram visibilidade a essa manifestação cultural-religiosa, iniciando seu processo de patrimonialização. A Festa vem sendo acessada como alegoria do imaginário rural do Nordeste brasileiro, com seu casario colonial; relações de work; personagens e hierarquias. As manhãs do primeiro dia da Festa são marcadas por um cortejo de grupos de



cultura popular, que percorre a rua principal da cidade em direção a um palanque aonde estarão autoridades políticas estaduais, locais e religiosas. Em 2019, como em anos anteriores, o cortejo recebeu a participação dos feminismos da região do Cariri. Ali, possivelmente entre um grupo de reisado e estudantes paramentados de Mateus, Lampião ou outro personagem do imaginário nordestino, as manifestantes denunciavam a falta de equipamentos de combate à violência de gênero na região, os avanços do governo de extrema direita contra trabalhadores e trabalhadoras e a imagética de gênero que compõe a Festa. ?- Santo Antônio, livrai as mulheres da violência! ?- oravam as manifestantes. Ao longo do percurso até o palanque com autoridades, participantes da marcha foram continuamente interpeladas por representantes da organização da Festa na tentativa de inibir sua passagem. A ação dos organizadores acionava formas de localização do movimento de mulheres, uma compreensão nativa dos debates sobre gênero e sobre a cultura popular naquela manifestação. Pensamos esse Drama Social como disputa entre diferentes projetos para a região do Cariri, para os debates sobre gênero e para a vida das mulheres na região. A patrimonialização da Festa e seus personagens acessam uma romantização do mundo rural incompatível com a denúncia da morte de mulheres no Cariri pelos feminismos locais, embora ambas as narrativas estejam conectadas à ideia de um Brasil rural, atávico, distante da cidadania e urbanidade. As fricções ocorridas na Festa de Santo Antônio relembram, portanto, imagens que circulam em momentos em que grupos à margem do imaginário nacional brasileiro empunham símbolos diacríticos das ideias de participação política e memória nacional. Tensões acessadas como clichês de uma utopia generalizante de abrigo à diversidade de demandas compostas pela e para a nação.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: